

SEVERINO, O PEQUENO SERTANEJO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história do menino Severino, um pequeno sertanejo, que vê sua família sofrer as agruras da seca no Nordeste. Mas, ele era uma criança feliz e gostava de sua casa, dos animais que criava, brincar na areia seca do seu enorme quintal, ouvir o canto dos pássaros, admirar o céu

azul, o luar e as estrelas. Mas, seu pai se viu forçado a vender o pouco que tinha e tentar a vida na cidade grande. A seca já durava meses e ele não tinha como sustentar a família. Mas, na cidade grande, Severino teve que enfrentar muitos sofrimentos e dificuldades. Severino ficou órfão e luta por sua sobrevivência. O livro conta esta comovente história, baseada em fatos da realidade social brasileira. Das dificuldades no sertão nordestino, sua vida como menino de rua e até sua formação como Médico-Veterinário, muitos sofrimentos e lutas. Severino contou com a mão amiga de uma mãe adotiva, que o encaminhou para vencer na vida.

João José da Costa

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Severino, filho de Donana e Seo Zé Maria, nasceu em um pequeno e pobre município de Pernambuco chamado Manari.

O sorriso era a sua marca tradicional, forma como Severino demonstrava que era feliz e estava contente com tudo.

Severino morava em uma casa que adorava. Era feita de paredes de barro colado a pedaços de paus e com telhado de folhas secas de coqueiro.

O chão era de terra varrida. A casinha de Severino, muito conhecida como casa de pau-a-pique, tinha uma cozinha e dois cômodos, um era o seu quartinho e de sua irmãzinha Raimunda e o outro de Donana e Seo Zé Maria.

Do lado de fora ficava o banheiro, perto do curral de seis cabras, o bode Barbicha e da casinha de Malhado, o seu cachorrinho.

A cozinha tinha um fogão à lenha, uma pequena pia com um tambor de água com uma torneira. Seu pai enchia de água o tambor toda a vez que sua mãe queria lavar a louça. O esgoto da pia corria diretamente para o quintal do lado de fora, fazendo a festa do galo Coró e de quinze galinhas, quando encontravam raros restos de comida.

O banheiro foi o próprio Seo Zé Maria que fez, aliás, como fez toda a casa de Severino. O banheiro não tinha porta, era feito de pedaços de troncos de árvores unidos por cipós e sem teto. No chão havia um buraco fundo com um suporte de madeira para apoio dos pés. Quando Severino queria usá-lo, tinha que ficar de cócoras.

Severino gostava de tudo que estava à sua volta. A casa ficava no agreste pernambucano, zona seca e de pouca vegetação. Assim, Severino tinha muita areia para brincar de fazer montes ou simplesmente rolar com o seu cachorro Malhado. Malhado tinha este nome pelas manchas marrons em seu pelo branco, amarelado pela areia e pela falta de banho.

Severino passava o dia correndo pelo quintal da casa, quintal imenso, sem cerca, um quintal que não tinha fim. Não havia muitas casas próximas à casa de Severino. Assim, ele não tinha muitos amigos com quem brincar.

Às vezes, Severino se aventurava pelo mato seco, tomando cuidado de não se machucar nos espinhos dos inúmeros cactos, chamados de macaxeiras, e corria, sempre rindo, atrás de répteis e pombas do mato.

Quando se sentia muito só ou perdido, chamava por Malhado que vinha em seu socorro. Eram grandes amigos.

Sua irmã Raimunda, mais velha, tomava conta do bode Barbicha e das seis cabras, recebidas de presente do pessoal do governo. As cabras pastavam bem no mato seco e já conheciam toda a rotina. Quando Raimunda não estava com as cabras, elas sabiam voltar sozinhas para a casa. E Raimunda tinha um gato de estimação, o Miaomio.

A cada manhã, Donana ordenhava o leite das cabras para o delicioso café da manhã que Severino gostava de comer e que comia todo o dia - broa de milho e leite de cabra.

Toda a comida da família era preparada por Donana com as plantações feitas pelo Seo Zé Maria - milho, feijão e mandioca e com alguns alimentos comprados na vendinha de Seo Antônio, que ficava muito longe da sua casa.

Severino gostava de sua comida diária. Além da broa de milho e leite de cabra, Severino tinha no almoço feijão e farinha de mandioca, que devorava com grande satisfação. Aos domingos, Donana conseguia cozinhar alguns pedaços de galinha. Era o dia mais esperado de Severino. Como era gostoso comer um pedaço de galinha assada no fogão a lenha.

A maior alegria de Donana e Seo Zé Maria era o sorriso de Severino a cada manhã.

Sonolento e meio tonto, saía de sua cama à procura de seus pais logo cedo, quando o sol ainda não tinha nascido.

Acordava com o barulho na cozinha feito por Donana, enquanto preparava alguma coisa para eles levarem para comer no trabalho. Seus pais saíam bem cedo e voltavam ao final da tarde, de segunda-feira a sábado.

Antes do pôr do sol, Seo Zé Maria cuidava da lavoura de milho, feijão e mandioca, com muito carinho. Raimunda, aos doze anos de idade, cuidava da limpeza da casa, lavagem da roupa e tomava conta de Severino, então com oito anos de idade.

O trabalho de Severino era um só, além de brincar - buscar água em uma cacimba, tipo de um poço, localizada a 1500 metros da casa. Severino carregava duas latas presas em cada extremidade de um pau, que apoiava em suas costas. Precisava fazer isto duas ou três vezes por dia.

O restante do dia Severino brincava com Malhado, dormia, saía pelo mato afora, sempre rindo e feliz. À tarde, postava-se no caminho, deitado na barriga de Malhado, para aguardar Donana e Seo Zé Maria voltarem do trabalho. E lá vinham eles, invariavelmente, no mesmo horário e pelo mesmo local, todos os dias. Daí para frente, era só alegria e festa para Severino.

Enquanto o seu pai ia cuidar da lavoura, Severino ficava ao lado de Donana no fogão a lenha, conversando, perguntando, rindo bastante, enquanto ela preparava o feijão e a mandioca para o jantar.

Severino percebia o semblante cansado e envelhecido de Donana, mas procurava ajudar conversando e rindo para ela, olhando fixo para os seus olhos com uma ingênua e infantil profundidade.

Severino adorava sua casa. À noite, podia ver as estrelas e a lua através dos buracos no telhado feito com galhos secos de coqueiro. Seu pai falava que tinha que consertar o telhado. Isto seria feito quando os coqueiros tivessem galhos secos.

Mas, Severino torcia para que ele não encontrasse os galhos de coqueiro. Ele preferia dormir contando as estrelas e admirando o brilho da lua.

A chuva molhava por dentro da casa, fazia lama no chão do quarto e molhava o colchão onde Severino dormia.

Quando isto acontecia, ele procurava o canto mais seco do colchão e adormecia. No dia seguinte, o sol secava a palha de milho do colchão de Severino e tudo voltava ao normal.

Afinal de contas, isto não acontecia todos os dias. Severino achava engraçado ver o barro seco que ficava preso entre os dedos dos seus pés descalço.

A maior riqueza da família eram as 18 cabeças de gado que o Seo Zé Maria tinha, além do burro, do jumento e do cavalo. Além da horta, ele dedicava a maior parte de seu tempo e trabalho para conseguir água e comida para o rebanho.

Quando caía um pouco de chuva, o pasto ficava verde e o gado engordava e dava mais leite. E a venda do leite no vilarejo e para os vizinhos era a maior renda que a família de Severino tinha.

Severino vivia sua infância nesta gostosa rotina, esperando um dia começar seus estudos na escolinha do vilarejo. Sua irmã Raimunda já estava cursando a quinta série e sabia ler e escrever muito bem.

Raimunda gostava de dar aulas para Severino. Assim, quando ele começasse seus estudos, já saberia ler e escrever alguma coisa.

Seo Zé Maria dizia para Severino que no início do ano, ele também iria para a escola, sem falta.

Mas, Severino sentia seu pai cada vez mais triste e preocupado. À noite, após o jantar, seu pai costumava sentar-se ao lado do fogão a lenha, enquanto sua mãe jogava alguma água nos pratos e panelas.

Os dois gostavam de conversar e ouvir o rádio de pilha, antes de se recolherem para dormir. Na casa não havia, ainda, energia elétrica. Mas, os postes estavam próximos e, um dia, a casa de Severino também teria energia elétrica.

Em uma destas noites, Severino, já recolhido em sua cama, ouvia o seu pai conversar com sua mãe:

- Donana, eu vou ter que me desfazer de boa parte do gado. As vacas estão cada vez mais magras. A chuva demora, o pasto está seco, não estou conseguindo dar a água e comida que eles precisam para viver.

- Calma, Zé Maria, o inverno está chegando. O mandacaru já está florindo lá na serra. É um sinal de que a chuva chegará no sertão logo, logo.

Severino via que seu pai marcava com um X cada dia que passava, no calendário dado pela igreja.

- Pai, o que é esta marca com X que o senhor faz no calendário? Perguntou Severino.

- Severino, eu estou contando os dias sem chuva. E, cada dia, eu rezo para que ela venha logo e salve nossa horta e nosso gado! Respondeu seu pai.

Severino achou engraçada esta marcação de seu pai e todo dia ele olhava o calendário e via que o X cobria, cada vez mais, os dias do mês.

E seu pai entrava em desespero!

- Meu Deus! Meu Deus! Setembro passou, passou Outubro e Novembro. Já estamos em Dezembro. Meu Deus, o que será de nós? Dizia seu pai.

A seca estava cada vez pior. A água da cacimba havia se acabado. A família dependia agora da oferta de água de algum vizinho e do caminhão pipa da prefeitura.

Das 18 cabeças de gado, 8 morreram de fome e sede. Restavam 10 vacas, que Seo Zé Maria alimentava com a palma colhida na caatinga e alguma água barrenta que conseguia, às vezes, encontrar.

A seca aumentava, o estoque de milho, feijão e mandioca estava chegando ao fim. Malhado já apresentava sinais de fraqueza, já não comia há vários dias. De vez em quando, conseguia caçar uma pomba do mato ou um rato. Severino estava muito preocupado com Malhado.

Ele já não era muito jovem. Seu Zé Maria ganhara Malhado, ainda filhote, quando Donana estava grávida de Severino. Antes de dormir, Severino visitava Malhado em sua casinha de telhado de zinco, arrumava o seu trapo de pano, passava a mão carinhosamente sobre sua cabeça. Malhado olhava para ele, com olhar triste e doentio.

Severino, não raras vezes, pegava metade de seu feijão e de sua porção de mandioca e levava para Malhado que às vezes comia um pouco, outras vezes recusava. A cada dia que passava, faltava a comida e água e Malhado estava cada vez mais fraco.

Uma manhã, assim que acordou, Severino correu para o quintal procurando ver como Malhado estava. Malhado, estava muito mal e quando Severino passou as mãos em sua cabeça, que ardia em febre, Malhado olhou profundamente para ele, suspirou fundo e se despediu para sempre.

Severino chorou muito por horas seguidas. Triste e deprimido, pegou a enxada e dirigiu-se para o quintal, no local onde costumava fazer os montes de areia e brincar com Malhado e lá cavou uma pequena cova para ele e colocou algumas flores silvestres, que colheu pelo caminho, sobre o pequeno monte de areia que soterrava Malhado e chorou pela última vez. Depois, Severino marcou a cova com pedras em forma de cruz.

O Galo Coró e suas três companheiras mais fiéis, sem o pouco de milho que os prendia à casa de Severino, partiram sem destino pelo imenso quintal da casa, em direção às montanhas e nunca mais foram vistos.

E passou a ser rotina na vida de Severino ouvir os lamentos de seu pai:

- Meu Deus! Meu Deus! O Senhor não nos abandone!

Assim pedia o pobre Zé Maria, vivendo no seco Nordeste, com medo da peste e da fome feroz.

Severino continuava sua vida de criança. Brincava na areia cada vez mais seca, sentia falta de Malhado em suas brincadeiras. E Severino sentia que seus pais estavam acabando com a criação. Somente algumas das cabras e das galinhas continuaram na casa. Das vacas, só restavam cinco. Todas as demais morreram e seus ossos marcavam seu sofrimento no pasto seco.

Mas, Severino sabia que o seu pai não venderia o burro, o jumento e o cavalo, não. Eles eram muito úteis para levar Raimunda e Severino na escola do vilarejo, além de ajudar puxar água e carregar palma para o gado.

- Donana, o Seo Fernando Português está me convidando para trabalhar na mina de sal, pegar pedras de sal. Eu acho que vou aceitar! Disse Seo Raimundo em uma noite.

- Vá, Zé Maria. Faça uma experiência! Incentivou Donana.

Severino sentia a falta de seu pai nos dias que ele ia trabalhar na mina de sal. E Severino notava que ele vinha muito cansado e com as mãos sangrando do sal.

Um dia, Seo Zé Maria perdeu sua crença e desistiu deste trabalho. Não deu certo. Além de se expor ao sol forte durante todo o dia, a paga não dava nem para a comida do dia.

- Se chovesse um pouco, o rio faria barra e eu poderia ajudar na construção das casas com o barro molhado! Dizia o Seo Zé Maria com gosto, se agarrando em outra esperança de trabalho.

O som da cigarra se ouvia na copa da mata. Isto deveria ser um sinal de chuva. Mas, a barra, que seria formada pelas chuvas próximas do Natal, não aconteceu, pois a chuva não veio.

Severino começava a entender e ficar triste com o sofrimento de seu pai. O Sol bem vermelho nascia todos os dias e tudo queimava.

Severino via seu pai marcar com X todos os dias de Dezembro. Sem chuva na terra, descamba Janeiro, depois Fevereiro. E o mesmo verão continuava ainda mais quente.

- Meu Deus! O que será feito de nós? Lamentavam, em angústia, Seo Zé Maria e Donana.

- Donana, isso é castigo! Não vai chover mais não! Dizia Zé Maria.

- Vamos esperar Março, Zé Maria. É o mês de São José. O Santo há de nos ajudar e trazer chuva. Respondia Donana, procurando consolar e dar um pouco de ânimo ao Seo Zé Maria.

Severino já mudara sua rotina. Logo de manhã, mesmo antes de tomar seu café, ele corria para o quintal e olhava para o céu. Mas, nada de chuva!

E, em uma destas manhãs, ele ouviu de seu pai:

- Donana, está tudo sem jeito. Já me fuge do peito o resto da fé! Precisamos seguir outra trilha, outro caminho.

E Severino ouviu o que não queria nunca ouvir. Reunindo a família, seu pai disse:

- Meu Deus! Eu vendo meu burro, meu jumento e o cavalo. Nós vamos a São Paulo, viver ou morrer.

- Mas, o que você está dizendo homem? Disse Donana, surpresa.

- Nós vamos a São Paulo que a coisa está feia! Por terras alheias nós vamos vagar. Meu Deus! Se o nosso Destino não for tão mesquinho, para o nosso cantinho um dia nós tornamos a voltar!

E Severino viu com tristeza seu pai vender o burro, o jumento, o cavalo e as cabeças de gado que restaram.

- Meu Deus! Dizia Severino baixinho.

E logo apareceu um feliz fazendeiro que, por pouco dinheiro, compra de seu pai tudo o que ele tem.

Severino sentia que sua vida mudaria para sempre. Ele sentia que deixaria a casa, seu quintal, sua areia fofinha para brincar em poucos dias. E lamentava que nem a escolinha do vilarejo ele chegou a conhecer!

Uma manhã, bem cedo, um caminhão encostou perto da casa de pau a pique. Em sua carroceria embarcou toda a família. Chegou o triste dia da partida. Já vão viajar. A seca terrível, que tudo devora, bota todos para fora da terra natal.

O caminhão parou por pouco tempo, o suficiente para a família de Severino subir e ter o tempo de uma rápida e última olhada na casa de pau-a-pique onde foram felizes por muitos anos.

- Tomara que sejamos felizes em São Paulo como fomos felizes aqui! Disse baixinho e tristemente o Seu Zé Maria, enquanto o caminhão se afastava deixando um rastro de poeira que impedia Severino de avistar de longe o querido local onde nasceu e morou por oito anos.

Severino simplesmente pensou:

- Adeus, Malhado! Procurando se acomodar ao lado de Donana, em busca de proteção.

O caminhão corria no topo da serra. Da carroceria, sentados em bancos improvisados, segurando em um pau para não caírem, Seo Zé Maria, Donana, Raimunda e Severino olham para a terra, seu berço, seu lar. Estes nortistas, partidos de pena, acenam de longe dando adeus ao lugar.

No dia seguinte, todos já estavam cansados. E o caminhão embalava a correr veloz. Seo Zé Maria, tão triste, coitado, falava saudoso com seu filho. E Severino, choroso, dizia:

- Pai! Estou com pena e quase morro com saudades de Malhado. Quem vai levar flores para ele?
E Raimunda, igualmente chora em lamento:

- Mãe Donana! E Miaumiau? Coitado, deve estar lá com fome e sem trato. Pobrezinho, será que vai morrer?

- Vai não, Raimunda. Gatos e cachorros sabem caçar e por lá tem muitos ratos e lagartos! Miaomio e Malhado vão se dar bem! Respondia Donana, procurando acalmar Raimunda e Severino.
E a linda pequena, tremendo de medo, falou:

- Mãe! E meus brinquedos? Meu pé de flor? Meu pé de roseira, coitado, sem chuva ele vai secar. E minha boneca, também lá ficou!

E, assim, a família ia deixando, com choros e gemidos, o céu lindo e azul de sua terra natal.

O Seo Zé Maria, pesaroso, ia pensando em seus filhos, enquanto o caminhão rodava rumo às estradas do Sul.

A viagem duraria vários dias e haveria parada para que pudessem preparar alguma coisa para comer. Donana preocupou-se em levar o resto de feijão e farinha de mandioca que sobrara.

- Temos comida para os próximos dias! Pensou ela aliviada.

O início da viagem até que foi divertido. Severino permanecia o tempo todo admirando os diversos tipos de paisagens, bem diferentes das do seu quintal. Eram muitas montanhas, rios enormes com muita água, florestas, campos e planícies.

- Quanto feijão, milho e mandioca o meu pai poderia plantar se morasse aqui! Refletia.

Donana se queixava de dor nas costas e Seu Zé Maria de dor nas pernas.

O banco duro de madeira e muito tempo de pé eram os motivos. Severino dormia no chão do caminhão abraçado com sua pequena trouxa de roupa. Às vezes sentia muito frio, um frio que nunca tinha experimentado em sua cidade.

Raimunda procurava abrigo no colo de Donana. Ela era uma menina resignada e pouco reclamava. Era uma pequena sertaneja forte!

A viagem parecia que não terminava nunca. Várias paradas para comida e banheiro começavam a mostrar ao Severino um mundo novo de casas, pessoas e objetos diferentes para ele, na medida em que o caminhão se aproximava de cidades maiores.

À noite era preferida pelo motorista do caminhão para prosseguir em sua viagem. Além das estradas estarem mais vazias, fazia menos calor.

E foi numa destas noites, quase chegando à cidade do Rio de Janeiro, que o destino preparava o grande golpe na vida de Severino.

O caminhão seguia e a maioria dos passageiros dormia. Donana e Raimunda estavam no banco de madeira perto da cabina do caminhão, Seu Zé Maria

sentado e encostado na carroceria e Severino tinha arrumado um cantinho na parte de trás da carroceria. Severino adormeceu sobre um monte de lona velha, agarrado à sua trouxa de roupas. Raimunda procurava conforto deitada no colo de Donana.

Em uma curva, o motorista não resistiu à longa viagem e às tantas horas de sono e adormeceu ao volante por apenas alguns segundos.

Severino sonhava, sentia frio e em seu sonho ouviu um grande barulho, gente gritando e voou no espaço, sempre agarrado à sua trouxa de roupa. O voo parecia não terminar nunca. Sentia como se estivesse sendo levado por uma grande ave, continuava a ouvir os gritos das pessoas, mas nenhum grito de Donana, Raimunda e Seu Zé Maria.

Em certo momento, sentiu que a grande ave o soltou, lançando-o no espaço. Em queda, sentia seu corpo chocar-se contra os galhos de árvores, até cair em uma touça de mato.

Severino ficou um longo tempo neste sonho, desmaiado no mato ao longo da estrada onde ocorrera o terrível acidente entre o caminhão pau-de-arara e uma carreta. Ele ficou muito tempo assim, inconsciente. Com a colisão fora arremessado para longe, caindo em um matagal que amorteceu a sua queda e o salvou de certa forma. As pessoas que acudiram as vítimas não notaram Severino desmaiado no mato, a alguns metros longe do local onde os dois gigantes da estrada pararam após a colisão.

Foi uma longa noite com ambulâncias, carros da polícia, caminhões guinchos para retirada dos caminhões sinistrados, limpeza do óleo, vidros e escombros da pista. Severino nada viu, nada ouviu. Permaneceu inconsciente por toda noite e boa parte do dia seguinte. Ainda tonto Severino acordava aos poucos, em um lindo dia de sol, com muitos pássaros cantando cantos, diferentes dos que ele estava acostumado a ouvir.

Ele sentia dor no ombro e permaneceu imóvel, porém acordado, olhando para o alto. O dedo anular de sua mão esquerda tinha se quebrado, ficando torto. Doía muito.

Via grandes árvores que deixavam os raios do sol entrar por entre os seus galhos e que o aqueciam. O lugar era fresco e agradável, o ar puro. Aos poucos sentia a vida e energia voltarem ao seu corpo, levantando-se.

Suas primeiras palavras foram para chamar pela mãe, pelo pai e pela irmã. Porém, sem nenhum retorno.

- Acho que chegamos a São Paulo e meus pais e minha irmã já devem ter saído do caminhão. Mas por que não esperaram por mim? Pensou chorando.

Um pouco cambaleando, sentou-se em uma pedra perto de uma pequena mina de água, lavou o rosto e bebeu um pouco de água. Perto de Severino estava um cachorro que olhava todos os seus movimentos e quando Severino voltou para se sentar na pedra deparou-se com ele e o chamou:

- Malhado!

O cachorro não era Malhado e não tinha nada do Malhado. Era todo preto e de porte um pouco maior. Severino passou a mão por sua cabeça e o furtivo cão aceitou com prazer, lambendo sua mão em reconhecimento. Severino logo notou que não era Malhado, mas aceitou sua companhia.

Naquela situação era tudo que precisava - um novo amigo, o novo Malhado.

Já um pouco mais firme, Severino e Malhado dirigiram-se para a estrada. Tudo estava vazio. De vez em quando passava um carro ou um caminhão.

No chão, muitos cacos de vidros e pedaços de plásticos quebrados, restos de um acontecimento trágico que Severino não tinha se apercebido. Algumas pessoas acabam de fixar no acostamento de terra uma cruz e depositavam algumas flores silvestres.

Severino assistia a tudo isto, mas não entendia o que estava acontecendo, limitando-se a prosseguir em frente pela estrada, à procura de sua família, seguido por Malhado.

Na verdade, Severino seguia Malhado, que conhecia muito bem o local. Enquanto andava, Severino admirava tudo que se passava à sua volta, achando tudo muito diferente do que conhecia. Andou muito, encantando e assustado.

Inicialmente, percorreu grandes trechos de lavouras, eram lavouras enormes, com plantas iguais que desconhecia, formando vastos campos verdes. Severino passava pela zona rural de uma cidade cujo nome ainda era desconhecido para ele. Depois começaram surgir as casas.

Eram casas muito bonitas e simples, mas bem melhores das que existiam em Marati. Eram casas feitas de tijolos sem acabamento, tinham grandes telhas feitas de cimento, as crianças andavam descalças no chão e eram muitas

pelas pequenas ruas. Brincavam nos córregos formados pelas águas que saíam das casas.

Parou em um delas para pedir água e pode notar que o chão era cimentado e que tinha fogão, geladeira, apesar de estar tudo muito apertado. As ruas eram de terra vermelha e tinha muita poeira. Cachorros, gatos e galinhas ficavam juntos pelas ruas, em harmonia. Severino não gostou apenas do cheiro das águas que saíam dos banheiros e formavam um córrego de esgoto onde algumas crianças brincavam.

Severino passava pela zona da periferia da cidade. Malhado, sempre à frente, guiou Severino para um posto de gasolina, onde vários caminhoneiros estacionaram seus caminhões, e onde um pequeno restaurante funcionava.

Malhado procurou pela lata de lixo, sempre observado por Severino, onde encontrou suculentos pedaços de carne. Severino com fome acompanhou Malhado, procurando por comida nas latas de lixo. Uma família que terminava o seu almoço viu Severino alimentando-se no lixo se condeou. Esta família fez um prato de comida numa embalagem de alumínio e o ofereceu para Severino que, sem nenhuma cerimônia, o pegou e comeu com grande satisfação.

- Puxa, como é gostosa a comida daqui! Exclamou, limpando todo o prato.

O prato tinha arroz, feijão preto, pedaços de pé de porco, carne seca, couve e farinha de mandioca. Malhado ainda aproveitou os pedaços de ossos e de carne que Severino rejeitara. Após esta refeição e cansados da viagem, Severino e Malhado sentaram-se à sombra de uma grande mangueira para descansar.

Estavam se sentindo como verdadeiros reis depois de tanta comida farta, chegando até a cochilarem por um bom tempo.

Foram acordados pelo barulho de um caminhoneiro que buscara a sombra da majestosa árvore para também descansar.

- Você é de onde? Perguntou o caminhoneiro.
- Eu sou da cidade de Marati, em Pernambuco.
- Para onde você está indo?

- Estou indo para São Paulo para encontrar meus pais e minha irmã.
- Como você vai para São Paulo?
- A pé.
- Mas São Paulo é muito longe de Niterói!
- Estamos em Niterói? Onde fica Niterói?
- No Estado do Rio de Janeiro.
- Não dá para ir para São Paulo a pé?
- Não. Isto seria muito difícil principalmente para uma criança. Por que você não procura a polícia? Por que seus pais o deixaram aqui?
- Nós estávamos em um caminhão pau-de-arara vindos de Marati. No meio do caminho eu fui levado por uma grande ave que me largou no mato. O caminhão seguiu viagem e eu me perdi dos meus pais!
- Olha! Eu estou falando sério com você moleque, não gosto de gozação!
- Mas não é gozação, é sério. Pergunte para Malhado!
- É melhor você procurar a polícia e falar que você está perdido, finalizou o caminhoneiro, virando-se para o lado para uma rápida soneca.

Quando falou em procurar a polícia, Severino imediatamente levantou-se e pôs se caminho novamente, seguido por Malhado, voltando às margens da rodovia. À medida que caminhavam, novas casas apareciam, bem diferentes daquelas que tinham acabado de ver. Eram casas enormes, com muros altos, varandas, belos jardins, com carros de luxo.

Dentro das mansões, até os cachorros eram mais bonitos e diferentes. Malhado prestava atenção nos cachorros de várias raças que latiam para ele, enquanto passava pela calçada. Em uma das casas, viu um carro branco parecendo-se com uma ambulância, trazer uma cachorrinha toda branca e peluda, limpinha, com uma fita vermelha na cabeça, para a sua dona que correu apanhá-la no portão. Malhado achou linda a cachorrinha e sorria para ela abanando o rabo.

Ela, imediatamente, correspondeu e procurou por Malhado, tendo sido afastada pelo motorista do carro. Malhado quis ficar no portão, mas a dona da cachorrinha o afugentou aos berros e os dois prosseguiram sua viagem pela estrada. Severino notava, também, que era afugentado quando se aproximava de outras crianças das casas, da mesma forma que Malhado.

As ruas eram todas asfaltadas, não havia poeira, os cachorros ficavam presos nas casas. Nas ruas ficavam, apenas, outros cachorros iguais a Malhado. As calçadas eram todas cobertas de árvores de flores, que lhes davam beleza e frescor. Era muito melhor caminhar por este lugar, concluía Severino. Severino passava pela zona nobre da cidade. O movimento dos carros, ônibus e caminhões nas ruas era intenso, o ar muito poluído, bem diferente do ar puro do quintal de sua casa em Marati.

A noite estava chegando e a fome voltava a apertar, além da preocupação de onde ficar. Os pés de Severino doíam e as sandálias já estavam gastas, quase no fim. Além disto, à noite sentia frio.

Mas as latas de lixo desta parte da cidade eram de muita riqueza, logo descobriu Severino. E, de uma em uma, conseguiu um par de tênis em ótimo estado, um agasalho bom, apesar de grande, e até um boné com a aba um pouco carcomida, mas com o forro em excelente estado, escrito New York Tigers.

Via muitas outras coisas, como brinquedos, mas podia carregar somente o necessário. Afinal de contas, tinha que andar muito até encontrar seus pais e sua irmã.

Já chegando o anoitecer, eles pararam, por direção de Malhado, em mais um posto de gasolina. Eles estavam em uma região com muitos prédios e lojas comerciais. Era a região central da cidade. Normalmente, toda cidade pode ser subdivida em quatro zonas – a zona rural, a zona residencial da periferia, a zona residencial rica e a zona central.

Desta vez, era um posto maior, bem mais iluminado, com lojas, restaurantes e até posto bancário. Malhado encontrava comida por toda a parte. Severino esperou à porta do restaurante, procurando sorrir para as pessoas que saíam e elas simplesmente saíam sem notar Severino e suas intenções de ganhar um prato de comida.

Depois de algumas horas em vão, Severino sentou-se na calçada, tirou o seu boné jogando-o no chão e ficou pensando na sua casa de pau-a-pique, no seu imenso quintal e nos passarinhos que gostava de ouvir.

Lembrando-se dos passarinhos, começou a imitá-los - o azulão, pintassilgo do nordeste, tuim, rolinha-fogo-apagou, caboclinho de barriga preta e o bigodinho. E Severino ficou imitando seus amigos passarinhos, que viviam no saudoso quintal de sua casa. Ele não notava que o pessoal que saía do restaurante parava para ouvi-lo e jogava algumas moedas em seu boné.

Quando finalmente se cansou, teve a grande surpresa de ver em seu boné uma boa quantidade de moedas. Não sabia contar, mas sabia que serviam para pagar lanches.

- Moço, o que posso comprar com estas moedas? Perguntou na lanchonete.

O homem que servia olhou para ele, não sabia se o mandava embora ou se contava as moedas. Severino olhava para ele, com o seu sorriso cativante, seu olhar meigo e puro que o comoveu.

- Você tem aqui R\$ 10,80. Dá para comprar um cachorro quente e um refrigerante e sobra troco.

Para Severino estava bom demais. Ele e Malhado estavam contentes por esta noite. Eles tinham comido, Severino havia arrumado agasalho, tênis e até um boné, só faltava arrumar um lugar para dormir.

A escuridão avançava com a noite, Severino e Malhado vagavam pelas ruas centrais de Niterói procurando um lugar para dormir. As pessoas, que no final da tarde lotavam as ruas em grupos de marcha acelerada indo em direções opostas, agora eram poucas.

Novos personagens começavam a surgir na grande praça onde Severino e Malhado decidiram ficar para dormir. Eram personagens bem estranhos dos personagens de dia.

Severino lembrou-se de seu grande quintal onde apareciam animais durante o dia, geralmente calmos e pacíficos, e os animais noturnos, geralmente predadores e caçadores.

Mulheres quase nuas desfilavam com pinturas extravagantes no rosto e paravam para conversar com os motoristas dos automóveis. Algumas entravam nos carros. Homens vestidos de mulheres faziam a mesma coisa. Homens e mulheres maltrapilhas com garrafas de pinga nas mãos se embebedavam.

Crianças, muitas crianças, em grupos, apareciam de repente e passavam a fazer parte deste estranho grupo da noite. Algumas tinham latas nas mãos que cheiravam. Severino olhava tudo e se assustava. Estas crianças, depois de cheiraras latas, saíam em corrida e atacavam as pessoas que passavam, arrancando relógios, joias e carteira de dinheiro e fugiam quando aparecia a polícia. Mas logo estavam de volta e continuavam a cheirar as latas. Algumas passavam mal e chegavam a cair no chão. Outras brigavam entre si e se machucavam.

Um menino, com os olhos bem vermelhos, aproximou-se de Severino e Malhado procurando saber o que eles estavam fazendo em seu pedaço.

- Esta praça é sua? Perguntou Severino, inocentemente.
- Você está me provocando, eu te quebro a cara!

Severino lembrou-se de seu primeiro Malhado, quando aparecia um cachorro valentão. A melhor estratégia dele era a retirada.

- Mais tarde ou mais cedo, um valentão encontra outro valentão para enfrentá-lo, lembrou-se, preferindo baixar a cabeça e retirar-se. Não muito longe, uma menina com um vestido sujo e pés no chão, igualmente sujos, o chamou e perguntou se ele queria dar uma cheirada na lata.

- O que vocês estão cheirando?
- É cola de sapateiro.
- Mas para que vocês fazem isto?
- Para voar e ficar corajoso.
- É bom?
- É bom, mas às vezes a gente passa mal e sempre a gente quer cada vez mais e mais.

Em vista da relutância de Severino, a menina ofereceu ao Malhado. Malhado, acreditando que era alguma coisa boa de comer, cheirou a lata e começou a espirrar sem parar, chacoalhando a cabeça, e se afastava da lata quando ela oferecia novamente. Severino logo percebeu que aquilo não era bom e abandonou o local, preferindo voltar ao posto de gasolina.

Quando voltou seus olhos para a praça pela última vez, viu a polícia colocar todas as crianças em uma viatura. Não sabia para onde as estavam levando e prosseguiu em sua marcha.

No posto de gasolina havia vários caminhões de diversos tamanhos, uns abertos, outros fechados. Severino lembrou-se da casinha de seu primeiro Malhado e arrumou um grande pedaço de papelão, encostou-o nas grandes rodas de trás de um dos caminhões e procurou se acomodar com Malhado.

O calor de Malhado e dos pneus, ainda aquecidos pela estrada, lhe dava um grande conforto. E, assim, os dois adormeceram profundamente, tão profundamente que não viram o dia amanhecer e o caminhoneiro ligar os motores para partida.

O caminhoneiro, homem experiente, tinha como hábito conferir, antes da partida, se os pneus estavam cheios. Para isto, utilizava uma grande marreta de borracha e batia forte nos pneus. Aquele que, eventualmente, estivesse furado apresentava um barulho típico de pneu sem ar. Batendo de pneu em pneu chegou à casinha improvisada com papelão e olhando em seu interior levou um susto. Lá, uma criança, abraçada a uma trouxa de roupa e ao seu cão, dormia. Malhado, com a aproximação do caminhoneiro latiu bravo para ele, acordando Severino.

- O que vocês fazem aí? Eu poderia ter passado por cima de vocês se desse a partida no caminhão! Esbravejou o caminhoneiro.

Severino levantou-se e olhou assustado para ele, respondendo:

- Nós só queríamos um cantinho para dormir.

- Quem é você? Onde estão seus pais?

- Eu sou Severino, este é Malhado. Eu estou indo para encontrar os meus pais e minha irmã em São Paulo?

- De onde você é?

- Eu sou de Marati, na Pernambuco e meus pais vieram morar em São Paulo, mas eu me perdi.

- Que lugar de São Paulo eles foram?

- Não sei!

- Mas onde eles foram morar?
- Em São Paulo.
- Mas em que lugar?
- Não sei, vou procurar.
- Como foi que você se perdeu de seus pais?

Severino pensou em falar da ave grande que o havia carregado, mas preferiu não dizer, limitando-se a encolher os ombros demonstrando que não sabia.

- Moleque, esta história está muito mal contada. Eu sou conterrâneo seu. Também sou da Pernambuco e estou indo para São Paulo fazer uma entrega na Praça da República. Lá tem uma grande estação de metrô que leva para todos os cantos de São Paulo. Posso te deixar lá, menos o cachorro. Quer ir?

Severino olhou para Malhado e para o caminhoneiro e disse que sim. Malhado, parecendo adivinhar, se aproximou ainda mais de Severino.

- Moço, deixa-me levar o cachorro. É tudo o que eu tenho na vida no momento.

O caminhoneiro, para não se atrasar ainda mais na viagem, levantou as mãos para cima e concordou:

- Está bem, vamos lá!
- Metrô, o que é um metrô? Perguntava Severino, preferindo não amolar mais o caminhoneiro com perguntas.

Severino se acomodou na cabina com o motorista e Malhado na carroceria do caminhão, procurando abrigo contra o vento e contra o frio debaixo da lona. O caminhão se pôs em marcha com destino a São Paulo.

Severino, com irradiante alegria, começava a acreditar na possibilidade de rever e se unir aos seus pais e à sua irmã.

O dia estava amanhecendo e ele permanecia com os olhos fixos da paisagem do Rio de Janeiro. Inicialmente, a ponte Rio - Niterói que não acabava mais.

Era a ponte mais comprida que havia visto em toda a viagem. O sol clareava as águas azuis das praias cariocas e uma leve bruma encobria um enorme Jesus Cristo de braços abertos que morava em cima de uma grande montanha. Imaginou como Donana, Seu Zé Maria e Raimunda gostaram de ter passado por aqui, indo para São Paulo.

- Minha mãe falava que Jesus morava no céu e ela estava certa! Eu vi, eu vi Jesus em sua casa! Pensou Severino.

Depois da cidade grande, o caminhão pegou estradas onde tinham milhares de casinhas de madeira que se espalhavam pelos morros acima, que lembravam sua linda casa de pau-a-pique em Marati.

- Só que a minha tinha um quintal do tamanho do mundo! Contentava-se, ao ver que estas casas das favelas do Rio de Janeiro se espremiavam entre si e se apertavam em estreitas ruas de terra.

Após passar por estas favelas, o caminhão pegou a longa Via Dutra e as paisagens foram se alternando, ora pastos, ora cidades, ora pastos, ora cidades, até que chegaram a uma cidade onde tinha uma igreja do tamanho do céu. Severino ficou impressionado. Era uma igreja tão grande, tão grande, que nela podiam morar muitos santos e muitos anjos. Para sua sorte, o caminhoneiro tinha programado uma rápida parada na cidade de Aparecida para comprar algumas lembranças a pedido de sua mulher.

Estacionado o caminhão, o Seo Sebastião, o caminhoneiro, e Severino saíram pela cidade afora, enquanto Malhado ficou montando guarda no caminhão. Para cada pessoa que passava e dele se aproximava mostrava os seus dentes e rosnava. Sentia-se vitorioso quando conseguia afastar os intrusos.

Inicialmente, deram uma rápida volta pelo Santuário de Nossa Senhora de Aparecida, onde Severino pode andar a vontade e até fazer suas orações ao pé da Santa Padroeira do Brasil.

Visitando a Sala dos Milagres, o Seo Sebastião explicava a Severino que aquela sala era destinada às pessoas que queriam pagar as promessas e as graças alcançadas.

Severino via fotos de casamentos, de casas, pés, mãos e pedaços do corpo em cera, muitas velas com bilhetes de agradecimento. Junto à imagem de Nossa Senhora de Aparecida, Severino pediu, silenciosamente, que ela o ajudasse a encontrar sua família, orando com os olhos fixos na Santa.

Depois, eles percorreram uma grande passarela que levava os visitantes da Igreja Nova para Igreja Velha, em busca das lembranças. O Seo Sebastião comprou algumas fitas e imagens da Santa e até deu um chaveiro com a imagem de Nossa Senhora da Aparecida para Severino:

- Isto é para você colocar a chave de sua casa, quando encontrar sua família, disse carinhosamente Seo Sebastião.

Logo voltaram ao caminhão, comeram um rápido lanche e se colocaram em marcha novamente pela estrada com destino a São Paulo. No trecho até São Paulo, Severino adormeceu, sonolento que estava após o constante passar das cidades e dos campos que ficam no trecho entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Severino já aprendera que estava chegando a uma grande cidade quando começavam a aparecer as casas simples de madeira, após os campos de lavoura e pastos, depois das casas grandes e bonitas, vinham as lojas e os grandes edifícios. Assim, notava que estava chegando a São Paulo, na parte central, quando começaram a surgir no horizonte uma selva de arranha-céus numa concentração como jamais tinha visto.

O Seo Sebastião parou para se informar a respeito da localização da Praça da República e seguiu caminho. Severino sentia que seu ponto de destino final estava chegando.

- Tenho que me informar onde foram morar meus pais e minha irmã e o que é este tal de metrô! Preocupava-se ele.

O caminhão de carga chegou à loja onde tinha que descarregar as mercadorias, onde Severino e Malhado desceram agradecendo ao tio Sebastião pelo grande favor.

Sem rumo, perdidos, começaram a andar no meio da grande multidão. Severino chegava a ficar tonto de andar no meio de tanta gente, Malhado conseguia segui-lo pelo faro.

As ruas ao redor da Praça da República eram uma verdadeira festa para Severino. Lojas com muitos produtos à venda, pessoas gritando nas ruas para chamar a atenção, pessoas apressadas por todos os lados, comprando, comendo, conversando ou simplesmente paradas olhando o movimento.

Severino apressou-se em encontrar um ponto de estada na Praça da República e ao tomar conhecimento do que era o famoso metrô, postava-se nos portões de entrada e saída dos trens que andavam debaixo da terra,

como falava, na esperança de que Donana e Seu Zé Maria aparecessem um dia de mãos dadas com Raimunda. Malhado era o único cachorro da praça e isto deixava Severino intrigado. Malhado, despreocupado com esta situação e, de certa forma, até aliviado, procurava por comida nas latas de lixo e nas proximidades das lanchonetes e restaurante.

Como não tinha concorrência, fartava-se de comer. Severino já tinha um pouco mais de dificuldade, mas procurava repetir a experiência que havia dado certo - sentava-se nas calçadas à porta de restaurantes e lanchonetes e imitava os seus pássaros.

De vez em quando, parava para olhar o seu boné com algumas moedas jogadas que lhe garantiam o almoço do dia.

Após o almoço, com preguiça, andava a esmo pelas ruas Barão de Itapetininga, Sete de Abril e Xavier de Toledo. Quando via uma concentração de pessoas em círculos sabia que alguma coisa importante estava acontecendo, como as formigas de seu quintal que se concentravam quando achavam um bom inseto para comer.

E esta observação de Severino estava sempre correta. Em cada concentração tinha uma novidade. Severino correu para ver do que se tratava e, empurrando gentilmente as pessoas ao redor do círculo, conseguiu chegar ao centro.

Era um homem que pegava uma cobra com as mãos, enrolava no seu pescoço, nos braços, passava pelo rosto e gritava:

- Eu fui mordido várias vezes por esta cobra e nada senti porque eu tomo os remédios de plantas! Vejam todos, quem quer experimentar pegar a cobra nas mãos? Vejam as plantas medicinais que trago para curar todos os seus males!

Ninguém se dispôs a pegar a cobra nas mãos, mas mostravam interesse pelas plantas que serviam de remédio. Enquanto isto, o homem continuava gritando:

- Abutua, para afecções renais e inflamações da bexiga; Acônito, para gripe e corisa; Agoniada, para cólicas menstruais; Alcaçuz, para úlceras, dor de garganta e tosse; Babosa, para queda de cabelo; Bardana, para gota úrica; Batata Purga, como laxante purgativo; Boldo do Chile, para o fígado; Calêndula, para cicatrizar feridas; Capim Cidrão, para nervosismo; Castanha da Índia para varizes; Catuaba, para impotência sexual; Celidona, para

artrite; Confrei, antiinflamatório; Echinacea, para alergia; Erva baleeira, antirreumático; Erva de São João, para reumatismo; Erva de Passarinho, para bronquite e pneumonia; Eucalipto, descongestionante nasal; Fucus, para obesidade; Gervão Roxo, para o rim e fígado; Ginkgo, para labirintite; Ginseng, fortificante; Graviola, para disenteria; Guaco, bronquite e reumatismo; Jaborandi, para crescer cabelo; João da Costa, antiinflamatório, úlcera; Macela, para má digestão; Mamona, para prisão de ventre; Manjeriçã, para resfriados; Mulungu, para insônia; Raspa de Juá, tônico capilar; Romã, vermífugo; Sabugueiro, para lactação; Salsaparrilha, para colesterol e diurético; Tuia, para verrugas; Valeriana, calmante.

Severino pode perceber que o homem fazia um bom dinheiro, principalmente com as pessoas de idade que compravam bastante de suas plantas. Em seguida, Severino dirigia-se para os portões de entrada e saída do metrô, sempre com a expectativa de encontrar sua família, olhando atentamente, rosto por rosto, todos que entravam e saíam. Após algum tempo, voltava para as ruas em busca de comida e de distração.

Outro círculo de pessoas. Desta vez, tinha homens da polícia discutindo com um homem que vendia fitas e CDs.

- Isto é pirataria, vamos ter que levar tudo para a delegacia, diziam os policiais.

O ambulante chorava, falava em sua família e afirmava que não sabia que as fitas e os CDs era pirataria. Mas, nada adiantou! Os homens da polícia levaram tudo, provocando correria pelas ruas de outros ambulantes. Severino lembrava-se das armadilhas feitas pelas aranhas para enganar suas presas e como os homens faziam a mesma coisa.

Mas, um círculo que se formou na Praça da República, foi muito triste para Severino. No meio estavam homens com laços nas mãos e um pequeno caminhão.

Malhado estava preso em um laço e os homens o levavam para dentro do caminhão.

- Este cachorro é meu, é meu! Gritou chorando.

- Menino, na cidade não pode ter cachorro, vamos ter que levá-lo!

- Mas, para onde?

- Fique tranquilo, vamos levá-lo para um lugar onde tem muita paz e onde ele vai ficar muito bem! Disse rindo, com sarcasmo, um dos homens.

Com Malhado preso lá dentro, o caminhão se afastou. Severino ouviu pessoas falarem que era a carrocinha de cachorros e que eles levavam os cachorros para matar e fazer sabão. Severino, apavorado, corria pelas ruas, procurando por alguém que não existia, chorando. Correu até se cansar e sentou-se na calçada, ao lado de uma loja de produtos eletrônicos e chorava muito.

Sem ninguém para consolá-lo, as lágrimas acabaram e ele permaneceu parado, com os olhos olhando sem nada ver e começou imitar os cantos dos passarinhos e a cada canto triste, lágrimas voltavam a rolar pelo seu rosto lavado pelas lágrimas.

De repente, ouviu uma voz:

- Por que você está chorando, menino?

Era uma linda moça, muito bem vestida, que se agachou para falar com ele mais perto.

- Por que você está chorando?

- Levaram o meu cachorro e os homens disseram que iriam fazer sabão com ele!

- Deve ser o serviço de Zoonose da prefeitura. Eles recolhem todos os cachorros que encontram pela cidade e levam para o canil. Se os donos não reclamarem por eles dentro de certo tempo, eles os sacrificam. Fazem isto para bem da saúde pública.

- Mas Malhado não estava doente!

- Você gostaria de buscar o seu Malhado novamente? Só que ele não poderá ficar na rua, senão os homens vão capturá-lo novamente.

Severino levantou vagarosamente a cabeça, lançando um olhar de confiança para a linda moça.

- A senhora faria isto por mim?

- Para vê-lo não chorar mais, faria. Meu nome é Ana Maria, Dra. Ana Maria, sou advogada e o meu marido Francisco é dono da loja de eletrônicos ao lado. Venha comigo, vamos buscar o seu Malhado.

Severino sentiu-se bem e deu as mãos para a Dra. Ana Maria, dirigindo-se para o estacionamento onde estava o seu carro. Era a primeira vez que Severino andava de carro.

Era um lindo e confortável carro. Severino permanecia ansioso e assustado, principalmente quando a Dra. Ana Maria o amarrou num cinto no banco.

- Isto é um cinto de segurança. Somos obrigados a usar isto quando estamos no carro. É para segurança em caso de acidente. Fique tranquilo, quando chegarmos ao canil da prefeitura eu solto você, disse sorrindo. Ao chegarem ao canil, a Dra. Ana Maria se apresentou, mostrou sua identidade e foi imediatamente levada para os canis acompanhada por Severino para identificar Malhado.

- Como é o nome do seu cão? Perguntou o tratador.

- Malhado.

- Como ele é?

- Todo pretinho.

- Se ele é todo preto, por que o nome de Malhado?

- Porque eu gosto deste nome! Disse Severino, preferindo não repetir toda a história.

Severino corria os vários canis onde estavam dezenas de cachorros de todos os tipos e de tamanhos, pensando:

- Se os donos não vierem buscar, todos vão virar sabão!

Em um dos canis, imediatamente localizou Malhado que foi solto e a Dra. Ana Maria assinou um termo de responsabilidade pela guarda do cão.

- Que tal levamos Malhado para a minha casa? Eu moro em uma casa de quintal grande e Malhado pode ficar lá. Quando você quiser, pode ir visitá-lo!

Severino acenou com a cabeça, concordando. Afinal de contas, seria isto ou Malhado virar sabão. No caminho para a sua casa, a Dra. Ana Maria conversava com Severino:

- Qual é o seu nome? De onde você vem? Por que estava na rua? Onde está sua família?

- Meu nome é Severino, me chamam só de Severino. Sou da cidade de Marati, na Pernambuco. Eu vivia em uma casa linda, feita de barro e folhas de coqueiro, onde eu podia ver a lua e as estrelas quando dormia. O meu quintal era imenso, chegava até as montanhas onde eu nunca pude ir. Eu tinha muitos amigos animais no meu quintal e Malhado, o meu cachorro. Nós vivíamos de plantar um roçado e criar vacas e cabras. Minha mãe é Donana, meu pai Seu Zé Maria e minha irmã Raimunda. Viemos para São Paulo em busca de trabalho. No caminho, uma grande ave me pegou do caminhão e me jogou no mato. Nunca mais vi os meus pais, nem minha irmã. Peguei carona para São Paulo e um homem disse que eu devia pegar o metrô para tentar achar os meus pais. Eles nunca saíram dos trens que andam debaixo da terra. Todos os dias, eu fico nos portões, mas eles não aparecem. Malhado me ajudava a encontrar abrigo e comida todos os dias. Imito os meus amigos pássaros para ganhar algum dinheiro.

A Dra. Ana Maria ouvia a história de Severino, sem saber se devia acreditar ou não. Afinal de contas, nas ruas havia muitas crianças que fugiram da casa de seus pais, ou foram abandonadas por eles ou até foram raptadas e largadas nas ruas.

- Qual será a verdadeira história de Severino? Perguntava-se.

- Severino, há quanto tempo você saiu da cidade de Marati?

- Não sei, não sei contar.

- Você não ia à escola em Marati?

- Não.

- Mostre-me nos dedos de sua mão, quantas noites você dormiu durante a viagem para São Paulo.

Severino foi procurando se lembrar e pulou oito dedos, mostrando dúvida.

- Ele deve ter viajado por mais de uma semana, mas isto foi recentemente. Concluiu a Dra. Ana Maria.

Finalmente, os dois chegaram à casa da Dra. Ana Maria, em Alphaville, um elegante bairro de Barueri, uma cidade próxima à cidade de São Paulo. A Dra. Ana Maria morava em uma casa muito bonita, com grandes jardins.

- Malhado vai ficar comigo aqui e você pode visitá-lo quando quiser.

- Mas, como eu posso chegar aqui?

- Eu te trago todo o final de semana, mas primeiro precisamos saber onde estão os seus pais.

Naquele momento, Severino preocupou-se mais em visitar os jardins da casa, encantando-se com tudo o que via e ficava feliz por Malhado.

A Dra. Ana Maria trouxe Severino de volta para a Praça da República, desejando-lhe sorte na busca pelos seus parentes e prometendo ajudar neste sentido.

Aquela semana seria terrível para Severino, sem Malhado. Teria que se arrumar sozinho na busca de comida e de abrigo, mas, por outro lado, ficava confortado ao ver Malhado amparado.

- Eu vou dar um jeito! Pensava confiante.

Sua primeira providência foi se dirigir, novamente, para os portões do metrô e olhar por horas as pessoas que entravam e saíam, sem sinal de seus pais. Após este ritual, Severino circulava pelas redondezas para se distrair. Às vezes ficava olhando as dezenas de crianças com uniforme de camisa branca e calça azul que se dirigiam ao grupo escolar da praça. Segurando no gradil de ferro, ele permanecia olhando o movimento das crianças brincando, cantando juntas, depois fazendo filas e desaparecendo nos corredores.

- Para onde será que elas vão? Perguntava-se curioso.
Por várias vezes tentara entrar em um shopping nas imediações, mas era barrado pela segurança. Severino não entendia o porquê.

- Por que todos podem entrar e eu não? Perguntava-se indignado.
Do lado de fora via lojas bonitas, muitas pessoas circulando para lá e para cá e escadas enormes que se movimentavam sozinhas. Severino aprendera a perguntar os dias da semana. Sabia que sexta-feira vinha depois da quinta-

feira e este era o dia em que a Dra. Ana Maria o levaria para ver Malhado. E, com muita antecedência Severino, postava-se à frente da loja de eletrônicos do marido da Dra. Ana Maria e aguardava por ela.

A monotonia da espera era quebrada, de vez em quando, por crianças que empurravam pessoas para roubar carteiras e bolsas e saíam em disparadas, perseguidas pelos donos ou pela polícia.

- Como podem fazer isto? Estas crianças não têm pais? O que fazem na rua?

Severino fazia esta análise ignorando pertencer, ele próprio, a uma legião de crianças chamadas de meninos de rua. Mas, a imagem de Donana e Seu Zé Maria era tão forte que Severino se comportava como eles estivessem presentes ou apareceriam a qualquer momento.

- Boa tarde, Severino! Como foi o seu dia? Pronto para ver Malhado?

Severino alegrava-se quando aparecia a Dra. Ana Maria. Sentia em seu rosto sinceridade em querer ajudá-lo e era a grande proteção que tinha no momento.

- Não vejo a hora! Respondia, procurando por sua mão.

- Então, vamos lá! Exclamava a Dra. Ana Maria.

Esta rotina semanal se seguiu por várias semanas e as semanas de Severino passaram a valer pelas sextas-feiras, quando veria a Dra. Ana Maria e Malhado. Em várias vezes, Severino dormiu na calçada na véspera, ao lado da loja, com medo de perder a oportunidade e dominado pela ansiedade. A Dra. Ana Maria e o Seu Francisco não tinham filhos, ela não podia gerar filhos por um problema físico. Não tinha cachorros, apenas um gato. Ao ver o gato, Severino se apavorou, tudo o que Malhado não gostava era de gatos, mas preferiu amenizar:

- Dra. Ana Maria, o Malhado gosta mais de cachorros do que de gatos.

- Não se preocupe, vamos fazer com que os dois fiquem amigos. O Felix fica mais dentro da casa do que no quintal.

- Assim espero! Pensou Severino.

A empregada da Dra. Ana Maria fez um lanche bem gostoso para Severino e o levou para conhecer a casa por dentro. Severino admirava-se com tudo e fazia muitas perguntas. O que mais gostou foi da banheira..

- Você gostaria de tomar um banho nela? Perguntou Cleide, a empregada.

- Posso?

Em minutos, Severino estava debaixo da água, procurando nadar como fazia no açude de Marati na época de chuva, jogando água por todos os lados.

A Dra. Ana Maria, ao ouvir o barulho da água e a fala alta de Cleide com Severino, subiu e se divertiu muito ao ver a alegria de Severino. Sua pele marrom da poeira e da terra acumulada todos estes dias se clareou. A Dra. Ana Maria pode ver que Severino era um lindo menino, com uma pele morena bonita, os grandes olhos castanhos escuros e os cabelos castanhos claros compridos até os ombros.

- Cleide, ele não pode vestir as suas roupas sujas agora. Espere que eu vou até uma loja comprar algumas roupas para ele vestir e volto já.

Após alguns minutos, a Dra. Ana Maria voltou com algumas camisas, bermudas, cuecas, pares de meia e um par de tênis. Vestido, Severino sentia-se um príncipe. E a Dra. Ana Maria olhava para ele admirada e com um olhar maternal, abaixando-se para lhe dar um beijo. Severino era um menino muito inteligente, apesar de nunca ter ido a uma escola. Na casa, fazia muitas perguntas, queria entender uma porção de porquês.

Vendo um aquário -

- Por que os peixes conseguem viver debaixo d'água e nós não?

Vendo a televisão -

- Como as pessoas e as vozes vão para dentro da televisão?

Vendo as torneiras -

- De onde vem esta água tão clara e limpa que sai pelas torneiras?

Vendo a geladeira -

- Por que a geladeira faz gelo se está fazendo tanto calor?

A Dra. Ana Maria vivia esta primeira experiência de ter que responder perguntas de uma criança em sua casa e achou esta experiência maravilhosa. E, com todo carinho, respondia uma a uma com clareza e com paciência para que Severino pudesse compreender. Severino via que Malhado, toda a vez que recebia comida ou carinho da Dra. Ana Maria, procurava corresponder com agradados também.

Olhava com um olhar sorridente, arfando com a língua para fora, lambendo sua mão e pulando nela. Severino percebeu que tinha que fazer algo semelhante para mostrar à Dra. Ana Maria o quanto ele estava grato e contente com tudo o que ela estava fazendo para ele. E procurou pular nela, abraçá-la e lamber a sua mão.

- Você não está querendo me dar um beijo? Perguntou a Dra. Ana Maria, dando um beijo suave no rosto limpo de Severino.

Severino olhou para ela carinhosamente e, imediatamente, correspondeu com outro beijo e um longo abraço. A Dra. Ana Maria estava feliz com esta situação e logo percebeu que Severino não tinha mais condições de ser deixado na Praça da República e procurar sozinho por seus pais. Assim, perguntou a Severino:

- Você não gostaria de ficar nesta casa, com Malhado, enquanto procuramos por sua família?

Severino abriu o maior de seus sorrisos e olhando fundo nos olhos da Dra. Ana Maria respondeu que sim. À noite, quando o Seu Francisco chegou em casa, teve uma surpresa.

Adormecidos, cansados de todas as façanhas do dia, dormiam no tapete da sala a Dra. Ana Maria abraçada a Severino que procurava se proteger em seus braços. O Seu Francisco ficou por alguns minutos apreciando esta cena em silêncio.

- Mas, quem será este menino, o que faz aqui?

Ele sabia que a Dra. Ana Maria gostaria muito de ter filhos, mas a natureza negou-lhe esta missão. Ele também sempre sonhou em ter um filho homem. Ao ver a cena dos dois dormindo no tapete da sala imaginou como seria bom que tivessem um filho para alegrar a casa. Fingindo uma leve tosse, o Seu Francisco acordou a Dra. Ana Maria, enquanto Severino continuava em seu cochilo.

O banho quente, o lanche e o fato de Malhado não ter virado sabão, o relaxaram. Parece que ele dormiria por muitas horas. Enquanto isto, a Dra. Ana Maria explicava situação para o Seu Francisco que concordou que Severino ficasse na casa até acharem a sua família.

Daí para frente a Dra. Ana Maria tomou uma série de providências, registrando boletim de ocorrência na Delegacia de Polícia pelo desaparecimento da família de Severino. Ela pediu ao Juiz a guarda provisória, ou seja, enquanto a família de Severino não fosse encontrada, Severino estaria sob a guarda e proteção do casal. Anúncios em jornais foram colocados, participação em programas de rádio e televisão, mas nada dava indício da localização da família de Severino.

O tempo foi passando, Severino entrara para a escola e já cursava a oitava série, aos 14 anos de idade. Sempre ligado nos animais e a forma como viviam, Severino alegrava a vida da Dra. Ana Maria e Seu Francisco com as suas descobertas e as suas histórias.

Mostrava para eles como havia uma rica vida ao redor da casa - eram borboletas, beija-flores, pardais, bem-te-vis, formigas, aranhas, besouros, gafanhotos e muitos outros animais, todos com os seus exemplos de vida - brincavam, amavam, tinham filhos, os ensinavam, brigavam. Na cozinha, Severino queria pegar e examinar os pedaços da galinha, pronta para ser assada e mostrava o que era o coração, o fígado, os intestinos.

- Quando crescer, eu quero ser Médico-Veterinário! Costumava falar com muita convicção.

Na escola estava entre os melhores alunos e aprendia com muita facilidade. De vez em quando se lembrava de Donana, Seu Zé Maria e de Raimunda, mas perdia, cada vez mais, a esperança de vê-los um dia.

A Dra. Ana Maria fez todas as investigações a respeito de Severino e descobrira as causas do desaparecimento de sua família - o trágico acidente do caminhão pau-de-arara que os transportava para São Paulo.

Foram enterrados como indigentes, pessoas que não tinham documentos de identidade. Elas não conseguiram provar que haviam nascido, não precisavam provar que haviam morrido.

- Em algum momento, vou ter que contar estes fatos para Severino! Comprometia-se a Dra. Ana Maria, enquanto aguardava por um momento mais favorável para fazer isto.

Severino foi legalmente adotado pelo casal e recebeu o nome de Severino Toledo Ferraz, nome de família. A data de nascimento, como não havia informação, foi arbitrada como 25 de dezembro, Natal, por escolha da Dra. Ana Maria. O Natal se aproximava e, com ele, a data de aniversário de Severino.

- O que você gostaria de receber de presente de Natal, Severino?
- Mãe, eu já tenho tudo, não preciso de mais nada.

Após alguns segundos de pausa, Severino revelou:

- Apenas tenho saudades, de vez em quando, de Marati e da cidade onde nasci. Gostaria de ir lá um dia!
- E se fôssemos lá como um presente de aniversário? Severino abriu o seu sorriso costumeiro e encantador e mostrou que gostaria muito.
- Pois bem, vamos programar para visitar Marati e o local onde você nasceu. Quem sabe lá teremos melhores notícias de sua família! Concordou a Dra. Ana Maria.

O casal estava muito contente com Severino que era um menino de bom comportamento, maduro e responsável e que tinha muita perseverança para atingir seus objetivos. Malhado já estava ficando velho, com os inexoráveis sinais dos tempos mostrados em seus pelos brancos, outrora pretos. Já brincava pouco, preferindo comer e descansar quase todo o tempo.

Nas proximidades de mais um Natal, a Dra. Ana Maria programou a tão sonhada viagem de Severino para Marati, em Pernambuco. Deveriam ficar lá por volta de uma semana, tempo suficiente para visitar a cidade. E, se tiverem sorte, visitar a casa onde Severino nasceu e cresceu.

Severino estava radiante pela oportunidade da viagem em todos os sentidos. Seria sua primeira viagem de avião.

Poderia ver como os seus amigos passarinhos se sentiam lá do alto. E pela visita que faria à sua casa, da qual ainda guardava as melhores lembranças.

Em Marati, encontrar a localização do lugar onde Severino morava não foi nada fácil. Os sete anos que se passaram tinham mudado a vida da cidade. Quando a Dra. Ana Maria perguntava dos locais onde existia a mina de sal do Seo Fernando Português não obtinha respostas favoráveis.

Severino tentava ajudar lembrando que era na região agreste, onde moravam muito poucas pessoas. Os dois continuavam indagando ali e aqui, até que, finalmente, alguém deu alguma informação que pudesse ser útil. Era um velho ambulante que afirmava ainda existir apenas uma mina de sal nas proximidades. Com esta luz que iluminou o caminho, os dois se apressaram em pegar o táxi que a Dra. Ana Maria havia alugado e solicitaram ao motorista que seguisse o rumo à mina de sal.

A ansiedade de Severino aumentava. Uma leve esperança de encontrar Donana, Seu Zé Maria e Raimunda. Talvez a viagem para São Paulo não tivesse dado certo e eles voltaram para Marati. Esta possibilidade fazia o coração do jovem Severino disparar.

O táxi finalmente chegou à estrada onde se localizava a mina de sal. Onde encontrar o ponto exato que morava Severino era, ainda um grande desafio. Afinal de contas Marati não era tão pequena assim. De porta em porta, de loja em loja, de pessoa em pessoa, a Dra. Ana Maria foi perguntando.

Em um depósito de material de construção, quando Severino se referiu que seu pai trabalhara para o Seo Fernando Português, o dono, Seo Dito Baiano, lembrou que conhecia um português de nome Fernando e que este trabalhara com extração de sal. Ele tinha ido para o Rio de Janeiro, mas voltou com medo da violência da cidade. Agora estava estabelecido com um pequeno mercadinho na cidade.

- Qual é o seu endereço? Rapidamente perguntou a Dra. Ana Maria.

De posse do endereço, dirigiram-se para o Mercado Luso-Pernambucano, à procura do Seo Fernando Português. Quando entraram, Severino logo reconheceu o antigo dono da mina de sal. Porém, o Seo Fernando Português não reconheceu Severino. Ele era pequeno e franzino na época em que seu pai Zé Maria trabalhou na mina de sal, agora estava um moço.

A Dra. Ana Maria se apresentou e contou rapidamente os objetivos da viagem, procurando por informações do local da casa onde moravam Donana e Seu Zé Maria. O Seo Fernando Português disse que, apesar de nunca ter ido lá, sabia que a família morava em uma região retirada.

- Deixe-me lembrar. Pediu o Seo Fernando Português.

- Apesar de nunca ter lá estado, eu ouvia dizer que Donana e Seu Zé Maria moravam na região agreste e semiárida, conhecida como Terra Seca, no Caminho da Cacimba Grande. Concluiu.

- Mas, para ir lá, vocês vão precisar andar em lombo de jumento, carros não entram naquele areal. Recomendou.

E lá se foram a Dra. Ana Maria e Severino, desajeitados, em lombo de burro, guiados por um vaqueiro do nordeste, em busca do Caminho da Cacimba Grande.

A paisagem da região é muito parecida e sucediam-se montes de areia, galhos secos, vegetação rara e rasteira e muitos cactos. De quando em quando, lagartos, cobras, pombas do mato e muitos passarinhos cruzavam o caminho da expedição. Quando passaram pela cacimba, Severino pediu para parar.

- Esperem, era aqui que eu pegava água, minha casa está próxima! Disse saltando do jumento e correndo em direção à cacimba. A cacimba estava seca e com areia cobrindo-a parcialmente. Isto já deixou Severino preocupado.

- Se meus pais estão aqui, onde eles estariam pegando água? Perguntou-se, apreensivo.

Daí para frente, ele foi seguindo a pé e em sua mente vinham as cenas de criança, quando carregava duas latas cheias de água amarradas nas pontas de um pau que colocava nos ombros. Foi conhecendo cena por cena. Atrás, seguiam o vaqueiro levando os jumentos e a Dra. Ana Maria, preocupada com o que Severino veria em sua antiga casa. Andaram por volta de um quilômetro e meio até que, finalmente, encoberta por mato, apareceu uma velha casa de pau-a-pique. Ela estava semidestruída, com as porta e janelas fechadas, o telhado quase sem nenhuma folha seca de coqueiro. Ao lado, o pequeno banheiro com as madeiras apodrecidas. Severino, com lágrimas nos olhos, disse:

- Mãe, era aqui que eu morava. Meus pais e minha irmã não estão mais aqui.

Chorando, deu uma volta completa em toda a casa, abriu uma das portas e entrou. No interior, escondidos no meio de muito pó e areia, estava o fogão a lenha, o tambor de água, as camas com os colchões furados pelos ratos, a boneca de sua irmã Raimunda. Tudo em total abandono e desolação. Isto foi um golpe muito grande para Severino.

- Meus pais não estão aqui, acho que meus pais não estão mais em nenhum outro lugar! Disse, sentando-se à beira do fogão à lenha, como fazia

quando criança para conversar com Donana, enquanto ela lavava algumas panelas.

A Dra. Ana Maria olhava para Severino e compartilhava de seu choro e sofrimento. Ela deixava lágrimas rolares de seus olhos, que olhavam para Severino com muito amor e carinho.

- Severino, por que você não me mostra onde está Malhado? Solicitou.

Severino levantou-se, vagarosamente, deixando a casa, acompanhado da Dra. Ana Maria que o amparava nos braços. Ambos seguiram a pé até onde Severino lembrava que enterrara Malhado. No caminho, a Dra. Ana Maria lembrou Severino da viagem no caminhão pau-de-arara, o sonho que Severino disse ter tido quando fora carregado por uma grande ave que o jogou depois no mato.

- Severino, você agora é um mocinho e há coisas que você precisa saber com relação aos seus pais e à sua irmã. Naquela viagem, a grande ave jogou você no mato, achando que você deveria continuar sua missão aqui na Terra. Mas levou Donana, Seu Zé Maria e Raimunda para outra missão, junto a Jesus. Eles não estão mais conosco. Você deve guardar estas lembranças tão bonitas dos tempos que morou aqui e foi feliz, muito feliz, com eles.

Severino olhou profundamente para sua nova mãe e com um olhar de resignação disse:

- Mãe, eu já desconfiava disto, mas, talvez, não estava querendo acreditar!

Severino se formou um grande Médico-Veterinário e seu consultório recebia centenas de clientes com os seus animais de estimação. Ele era muito carinhoso com todos os animais doentes, parecia falar com eles. Os clientes percebiam este amor de Severino pelos seus animais e tinham muita confiança no seu trabalho.

Quando via animais abandonados pelas ruas, Severino os recolhia, os tratava e depois procurava pessoas para adotá-los, como a Dra. Ana Maria fez com Malhado.

Uma vez por ano, Severino visitava a sua terra natal e dava muito atendimento gratuito aos animais de rua e de pessoas pobres. Comprou sua antiga casa e a reformou, mantendo as características originais, conservando-

a como um símbolo de sua luta e da luta de sua família. Em algumas viagens, chegava a pernoitar lá e revivia suas lembranças. Fez questão de deixar pequenas brechas no telhado para poder ver a lua e as estrelas à noite.

Não raras vezes, escutava latidos vindos de seu quintal, lembrando-se de Malhado. Assim, adormecia, quase sempre cerrando os olhos após uma suave lágrima de amor e saudades de Donana, Seu Zé Maria, Raimunda e Malhado.

Quando os seus clientes o chamavam de Dr. Severino Toledo Ferraz, nome de família de sua mãe adotiva, ele pedia:

- Me chamem, simplesmente, por Severino.

Uma cachorra dálmata de nome Lana apresentava problemas de pele e o Dr. Severino a consultava. Ao seu lado, a dona Suely e sua filha Lívia. A pequena Lívia, que acompanhava atentamente a consulta, perguntou discretamente à sua mãe:

- Mãe, por que o Dr. Severino tem o dedo da mão torto?

O Dr. Severino, continuando a consulta com Lana, olhou sorrindo para ela e respondeu:

- Lindinha, isto é uma longa história que um dia eu posso te contar!

FIM